

Apresentação

A Jornada de *Légua & meia: Revista de Literatura e Diversidade Cultural* prossegue com este dossiê temático propondo o debate sobre as “Representações de epidemias e pandemias na arte verbal e visual”, organizado pelas Profas. Dras. Lícia Soares (UNEB/PÓS-CRÍTICA, CNPq), Denise Dias (IF Goiano/ IF Amazonas/ UNEB | PÓS-CRÍTICA), pelo Prof. Dr. Bertrand Gervais (Université du Québec à Montréal), e pela Profa. Ms. Maysa Miranda (Universidade de Salvador), que aborda um futuro que chegou de repente, há mais de um ano, e teima em permanecer presente pela experiência local e global da pandemia do coronavírus.

Se a arte – e, mais especificamente a literatura – trata de todos os temas da vida humana, inclusive as doenças que chegaram em epidemias e pandemias protagonizaram as narrativas de diversos períodos: de Saramago aos nossos contemporâneos Aleilton Fonseca e Lícia Soares de Souza, passando por Moacyr Scliar e Jorge Amado. Vários aspectos foram abordados, mas sobressaem as lentes da necropolítica que perversamente ampliam a periculosidade da infecção com o terrível coronavírus em suas sucessivas ondas. Temos aqui um conjunto de duas entrevistas, seis artigos, uma resenha e um ensaio; além disso, a edição conta ainda com uma exposição de charges com comentários do autor.

O dossiê se inicia com as entrevistas realizadas pela Professora Doutora Lícia de Sousa com a autora Catherine Mavrikakis sobre o romance publicado em 2016 do livro *Oscar de Profundis*, e com Jean Morisset, sobre a arte verbal e visual da “epi-pandemie”.

Os artigos que se seguem suscitam um olhar crítico sobre as problemáticas das relações entre poder e morte nas regiões coloniais, imperiais e neocoloniais, nas quais identificam a existência da necropolítica. Visualizaram, na atualidade, o desmanche das políticas sociais e principalmente dos direitos individuais do cidadão. O primeiro deles, escrito pela professora Rita Godet, da Université de Rennes II- França, é uma versão revista e atualizada do artigo "Oswaldo Cruz e o

Saci ou a figuração do duplo em *Sonhos Tropicais*", publicado na obra *O viajante transcultural: leituras da obra de Moacyr Scliar*, organizada por Zilá Bernd e Regina Zilberman (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 99-119), sobre o livro *Sonhos Tropicais* de Moacyr Scliar, ressaltando a importância do estudo da ciência no Brasil. "Nessa obra, cujos comentários abraçam uma perspectiva histórico-literária sobre as relações entre doença e cura, detendo-se na análise dos cenários socio-políticos e científicos, destacando os princípios éticos, discutindo as políticas sociais e de saúde, apontando os preconceitos, Scliar abstém-se de comentar seus próprios romances, por modéstia, talvez, embora todos esses aspectos perpassem *Sonhos tropicais*."

O segundo artigo, de Maria de Fátima Berenice da Cruz, analisa o livro de poesias de Lícia Soares de Souza *Vozes em Luta: poemas para vencer a solidão* (2020). Obra poética de forte impacto reflexivo sobre a nossa história, memória e existência. convida o leitor a refletir sobre a condição de ser humano a partir de sua imersão pessoal. Desse modo, o artigo analisa a poética da autora tomando como fundamento o diálogo com dois temas presentes nos estudos de Jean-Paul Sartre, a náusea e a angústia.

Brigitte Thiérion apresenta, no terceiro artigo, um estudo sobre o poema do baiano Aleilton Fonseca, *A Terra em Pandemia*, publicado em 2021, um ano depois da emergência sanitária. Fonseca procura analisar a contribuição específica da literatura e da arte poética, como forma de atuar, resistir, conscientizar e questionar os paradigmas do pensamento em tempos de crise, para superar o trauma vivenciado. A polissemia de linguagem poética reveste uma dimensão universalizadora que favoriza a introspecção, propicia uma reflexão existencial. No confronto com a realidade local, ela permeia um questionamento sobre as responsabilidades do estado e a necessidade de pensar um outro modo de estar no mundo para inventar um outro futuro.

O artigo "A indesejada das gentes: entre a literatura e a necropolítica", de Dias, apresenta uma investigação das obras *Tereza Batista Cansada de Guerra* (1972), de Jorge Amado *Sonhos Tropicais* (1992), de Moacyr Scliar, e *Chão de Ferro* (2012), de Pedro Nava, as quais suscitam o testemunho do caos social

promovido por epidemias durante o século XX. As doenças são como metáforas da exclusão social, isso é observável no conteúdo e pano de fundo que descortinam as mazelas e efeitos sociais causados por elas, especialmente em grupos sociais vulneráveis e menos assistidos pelo poder público. Os escritores estudados fizeram da literatura um modo de entender o Brasil; por isso, essas obras conduzem o leitor a refletir, de maneira geral, sobre o contexto histórico brasileiro principalmente pelo viés histórico-cultural e sanitário. Dessa forma, o texto demonstra que via literatura, o Estado utiliza-se de estratégias de políticas excludentes, fatos demonstrados nas obras em questão, cujo retrato apresenta um país historicamente marcado pelo caos social.

O artigo seguinte, de Miranda, põe em diálogo a questão da pandemia de covid-19 com a epidemia de varíola representada no romance *Capitães da Areia*, da autoria de Jorge Amado, e também no filme homônimo dirigido por Cecília Amado, neta do escritor baiano. O ponto de vista é o de considerar o panorama político brasileiro atual, caracterizado pela Necropolítica, termo criado por Achille Mbembe para denominar a expressão máxima da soberania política que reside no poder ditar quem pode viver e quem deve morrer. Tal panorama se apresenta também no romance e no filme, mas sobretudo contemporaneamente pela conduta do presidente do país que explicitamente nega, banaliza e dificulta as ações para debelar a epidemia, chamando a atenção de outros países. Essa atitude agrava a vida da população mais pobre que tem que se expor para ganhar o seu sustento, não podendo cumprir a quarentena para evitar a transmissão do vírus, adoecendo e morrendo mais do que aqueles podem se resguardar.

Souza, no artigo “Estéticas da necropolítica no Brasil e no Québec: crítica da razão de exclusão”, analisa obras das literaturas quebequense e brasileira que põem em cena condições precárias de vida, como “zonas de inimidade” de um estado neoliberal que pouco se preocupa com o bem-estar de seus cidadãos. A Estética da necropolítica se inspira das noções de biopoder de Foucault (1979) e de necropolítica de Mbembe (2014/16), tentando trazer a discussão para os espaços das Américas onde vários grupos sociais são submetidos a condições de vida arriscadas que lhes confere o *status* de “mortos-vivos”. Nesse sentido, no entre-

lugar dos centros urbanos organizados e das periferias negligenciadas pelos poderes públicos (favelas, trapiches, lazaretos, asilos, cárceres, matas, metrô, etc.) quer-se mapear, analisar e classificar, de acordo com as diferentes estratégias que determinam, de um lado, a crítica da razão da exclusão, em situação transtextual e transacional, e, de outro lado, as mobilidades nos espaços semiosféricos que permitem a ultrapassagem das zonas necropolíticas para as zonas do discurso oficial. A crise da Covid-19 propiciou o escancaramento do projeto neoliberal de aniquilamento das populações carentes, de negros, indígenas, migrantes, trabalhadores informais, etc. Nesse caso, busca-se proceder, à luz dos pressupostos da literatura comparada interamericana, ao levantamento e à análise de obras produzidas nos séculos XX e XXI, no contexto híbrido das Américas. Põem-se em evidência obras do Québec (Catherine Mavrikakis (2016), Henri Lamoureux (2003), France Théoret (2006) e do Brasil (Jorge Amado 1937/82), Moacyr Scliar (1992), Márcio Souza (1983)), que revelam muitas zonas de necropolítica que a história foi incapaz de evidenciar.

As autoras Corsi, Santos e Melo estudam, sob uma perspectiva histórica, social e cultural, o romance literário *O Conto da Aia*, da escritora canadense Margaret Atwood, publicado em 1985, mas que ecoa grande representatividade nos dias atuais. Assim, investigam a forma como essa autora expressa na obra a perda da identidade e representatividade feminina, em um regime totalitário fundamentalista cristão, que derrubou o governo dos Estados Unidos, na década de 1980, modificando completamente toda a estrutura política, econômica e social desse país. Assim, afere a relevância dessa produção literária de Atwood, como forma de denúncia e combate à discriminação de gênero, que faz calar a voz e a atitude das mulheres, apontando para a eficácia da literatura distópica, ao apresentar cenários imaginários que estabelecem inter-relações com a realidade atual, trazendo uma visão mais reflexiva sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea.

No artigo de Costa e de Santos a problematização recai no conto “Refluxo”, de José Saramago. A fuga do rei e o apagamento de qualquer visão ou lembrança da morte é a ação paliativa para o sofrimento. Assim, limites do artigo, é proposta a leitura do conto, a terceira das seis narrativas do livro *Objecto quase* (1994). Em

tempos de pandemia e de negacionismo, acreditamos oportuna uma reflexão sobre as questões que a narrativa desperta.

Moura trouxe uma análise dos filmes que giram em torno de grandes catástrofes naturais (o fim do mundo e pandemias mundiais são muito populares em Hollywood). O apocalipse cinematográfico assume muitas formas, incluindo infestações de zumbis, devastação do mundo por guerra nuclear e ataque de alienígenas. Assistir a filmes como *Os 12 Macacos* (1995), *Filhos da Esperança* (2006) ou *Contágio* (2011) durante uma pandemia global se torna uma experiência de visualização muito diferente daquela vivida quando esses filmes foram lançados. Certos filmes exterminam a população humana com um vírus mortal e os transformam em zumbis, enfatizando e avançando os recursos de entretenimento do cinema de gênero, como *Eu sou a lenda* (2007), *Invasão Zumbi* (2016) ou *Blood Quantum* (2020). No entanto, eles também usam gêneros de terror, ficção científica e fantasia para retratar drama familiares realistas e contundentes ou para discutir a questão do racismo estrutural e o colonialismo sistêmico contra os povos indígenas da América. Em todos esses filmes, ambição científica, ganância política e poder econômico se misturam, tornando-se as forças desconhecidas e os verdadeiros detratadores por trás dessas catástrofes. Se o fim do mundo é ou não uma história apropriada para entretenimento, com certeza atrai uma grande parte dos espectadores dos filmes hollywoodianos. Os tropos pós-apocalípticos convencionais criam filmes repletos de preocupações políticas relevantes. Todos os anos, centenas de filmes transpõem para a tela narrativas convincentes relacionadas às pandemias e seus efeitos. Na época do coronavírus, é prudente analisar e contextualizar vários desses surtos virais hollywoodianos para situar e atualizar suas narrativas com temas políticos atuais e entender como os filmes de desastres e pandemia se tornaram divertidos.

O volume traz ainda uma resenha do livro de poesia de Aleilton Fonseca, *A terra em Pandemia*, publicado em 2020, assinada por Rita Godet, professora da Université de Rennes II- França; o chargista Alexandre Cabral, que atua com o nome artístico *Aleco*, abrilhanta esse dossiê com charges criadas pela sua verve irônica e a divertida forma de crítica social através da imagem, ao tempo em que,

como pesquisador desse gênero de ilustração, analisa os elementos formais da charge, tanto mencionando os elementos constituintes das imagens como elucidando conceitos e teorias que explicam o Humorismo e a Comicidade, exemplificada por algumas caricaturas; por fim, fechando o volume, temos um ensaio de Bertrand Gervais, intitulado *Vivre la crise au quotidien: l'imaginaire de la pandémie*. Nele, Gervais analisa o filme *The Andromeda Strain* (Robert Wise) lançado em 1971 adaptado do romance de Michael Crichton (1969), momento em se presenciava os pontos altos da Guerra Fria; à beira de um apocalipse nuclear, causado pela tensão entre a URSS e os Estados Unidos e sua corrida armamentista. Os eventos descritos na narrativa filmática, aconteceram em 1971. Após a queda de um satélite do governo americano perto da pequena cidade de Piemonte, Novo México, quase todos os habitantes da cidade morrem. Ao examinar o dispositivo, a equipe recrutada descobre um organismo extraterrestre microscópico que recebe o nome de código "Andrómeda". Gervais elabora um diálogo entre o filme e a realidade provocada, em 2019, pela crise sanitária do corona vírus da covid-19.